



**POLO:** Governador Nunes Freire - MA

**PROFESSOR:** Vilmar Martins da Silva

**DISCIPLINA:** Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia

**ACADÊMICOS:** Antonilson Pinho de Mesquita, Elivalda Ferreira

### **Atividade Orientada**

#### **Análise Crítica**

#### **Ler o espaço Geográfico: A Formação de Conceitos**

**Ref:** Fantin, Maria Eneida /**Metodologia do**

**Ensino de Geografia/** Maria Eneida Fantin,

Neusa Maria Tauschbeck, - Curitiba: Ibpex,

2005. Pag. 67 - 110

O livro “Metodologia do Ensino de Geografia” tem como objetivo levar o leitor a repensar a geografia e as suas práticas. Suas páginas trazem uma breve apresentação epistemológica, além da contextualização. Seu conteúdo inclui ainda um leque de metodologias e de práticas diferenciadas.

Portanto a geografia não é apenas a ciência da localização e da descrição dos fenômenos. Muito mais que isso, ela investiga a ação humana e a sua relação com a natureza, materializada em tempos históricos. Partindo desse princípio, o livro apresenta as ideias centrais para uma discussão autêntica e estruturada sobre o ensino da geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Com sua breve apresentação epistemológica da disciplina e com sua contextualização histórica, ressaltando seus aspectos curriculares, e apresentando formas de abordagem, até chegar à abordagem prática e cotidiana das aulas de geografia, os autores apresentam um leque de metodologias e de práticas diferenciadas, que certamente possibilitarão um ensino geográfico muito mais contextualizado, eficiente e integrador.

Hoje a vertente crítica da geografia afirma que o espaço geográfico é resultado da didática entre a materialidade apropriada e construída pela sociedade, e as ações/relações sociais que a um só tempo construíram aquela materialidade e são por ela condicionadas, controladas, limitadas e convidadas a agir.

Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que, ao lermos o espaço geográfico, estaremos lendo, compreendendo, também, a sociedade que o criou, em suas relações completas. Por exemplo; se observarmos atentamente os croquis de casas e apartamentos veiculados em anúncios de jornais e revistas, percebemos que o projeto arquitetônico desses imóveis pressupõe relações sociais e políticas. Observemos as localizações e as dimensões dos dormitórios e banheiros, do casal, dos filhos, dos empregados. Há diferenças? Que relações sociais e políticas a geografia da casa pressupõe?

Se verificarmos, ainda, o preço e o tamanho desses imóveis em relação a sua localização urbana e aos benefícios de infraestrutura e segurança que oferecem, percebemos claramente as relações sociais e econômicas explícitas nesses dados.

Essas análises do espaço geográfico em escala micro auxiliam-nos a refletir sobre as possibilidades dos estudos em escalas macro. Em termos metodológicos, o encaminhamento proposto acima é, também, adequado, para o ensino de crianças pois parte de uma contextualização, tomando o entorno como exemplo, para mais tarde refletir sobre os espaços distantes o que exige abstrações.

Foi colocado em discussão no livro os conceitos considerados fundamentais para compreensão do espaço geográfico, baseados na seleção organizado por Cavalcanti. Existe muitos outros conceitos e grupos conceituais que auxiliam e enriquecem a leitura do espaço geográfico. Sobre alguns deles os autores teceram breves considerações (Pedagógicas) no capítulo 3, e no capítulo 4 fizeram uma abordagem teórica dos conceitos selecionados, cientes que é impossível pelos limites desse trabalho discutir com profundidade todos eles.

Segundo aquela autora,

A leitura do mundo do ponto de vista de sua espacialidade demanda apropriação, pelos alunos de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamentos da realidade socioespacial. (...) Esses conceitos – lugar, paisagem, região, natureza, sociedade, território – São considerados como conceitos fundamentais para o raciocínio espacial e são citados (Com alguma variação) como elementares para o estudo da Geografia, pelo seu caráter de generalidade. (cf. Silva 1986, Moreira, 1987, Santos, 1988, Corrêa, 1995).

O livro cita que o conceito de natureza vem ganhando um novo significado em função da crescente artificialização do meio – Consequência da globalização – que nos autoriza a falar de uma “Cientifização e de uma tecnicização da paisagem”, ou de “Uma crescente estandarização e banalização das paisagens culturais”. A partir dessa realidade veio a necessidade de rever os conceitos de paisagem e natureza.

A chamada primeira natureza (natural) está, cada vez mais cedendo lugar, para segunda natureza, aquela produzida e ou organizada pelo homem. O meio artificial não predomina apenas na cidade, mas estende-se também para o mundo rural. É um processo de artificialização que vai especializando e equipando territórios em função da necessidade da informação, uma vez que ela é fundamental para que o espaço funcione como uma unidade, para que se globalize. Santos argumenta que a “especialização se deve mais as condições técnicas e sociais que aos recursos naturais”.

Contrário a argumentação de que a globalização tende a eliminar as diferenças regionais do planeta, homogeneizando os espaços e tornando obsoleto o conceito de região, Santos afirma que, no mundo globalizado onde as trocas intensas e constantes, a forma e o conteúdo das regiões mudam rapidamente “mas o que faz a região não é a longevidade do edifício, mas a coerência funcional, que a distingue das outras entidades, vizinhas ou não”.

Gomes, nessa mesma linha de análise afirma que não é aconselhável esquecer o fundamento político do conceito de região que se baseia no “controle de gestão de um território”.

Em suas palavras,

Se hoje o capitalismo se ampara em uma economia mundial não quer dizer que haja uma homogeneidade resultante desta ação. Esse argumento parece tanto mais válido quanto vemos que o regionalismo, ou seja, a consciência da diversidade continua a se manifestar por todos os lados. O mais provável é que nessa nova relação espacial entre centros hegemônicos e as áreas sobre suas influências tenham surgido novas regiões ou ainda se renovado algumas já antigas.

O conceito de lugar é um dos mais ricos do atual período técnico. Pode ser compreendido ao mesmo tempo, a partir de diferentes enfoques, numa mesma perspectiva teóricas por um lado, é num lugar que a globalização acontece.

O território está ligado a normalização das ações tanto globais quanto locais. Porém, as ações globais só podem realizar-se localmente, pois dependem dos sistemas de objetos técnicos instalados nos territórios. Enquanto a razão global tenta criar um governo global (segundo Santos, o FMI, o Banco Mundial) para intervir nos espaços locais em benefícios das grandes empresas, é no lugar e território que os instrumentos de regulação são constituídos.

Com o “enfraquecimento” do Estado de Bem Estar, a sociedade civil criou outras formas de combate ao império do mercado e organizou maneira de suprir ausência do estado nos setores sociais esse rearranjo político social trouxe átona novas territorialidade, impossíveis de serem ignoradas pelas ciências que pretende compreender o espaço geográfico.

A revisão conceitual da geográfica critica apresentada nesse estudo demonstra não apenas os autores desprenderam-se da filiação marxista economicista radical (ao considerar em suas análises, a subjetividade, a cultura e outras racionalidades), como também conseguiram revisitar os conceitos elaborados por outras correntes da geografia, tornando-os instrumentos teóricos para análise do espaço geográfico na atualidade, mantendo-os na perspectiva critica.

Temos clareza de que a geografia estabelece interface com outras ciências e outras áreas do saber a fim de explicar seu objeto de estudo de ensino. Em função dessa convicção, transcrevemos, a seguir, uma lista de dezessete núcleos conceituais, sugeridos por Pereira, no sentido de auxiliar o profissional da educação (geografia) em sua tarefa de alfabetizar o aluno para a leitura do espaço. Sendo eles; Meio ambiente; Ação antrópica; Recursos naturais; Degradação do meio; Lugar; Percepção; Atitudes em relação ao meio; Localização; Formas de atividade econômica; Distância; Urbanização; Meios de transporte; Diversidade espacial; Região; Fronteira; Relações sociais de produção; Diferença e desigualdade social.

## **AS POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES E AS ESPECIFICIDADES DO ENFOQUE GEOGRÁFICO**

Nas últimas décadas, muito se falou em inter, trans, multidisciplinaridade nas pesquisas educacionais, e essa abordagem interdisciplinar acabou cristalizando em documentos oficiais com o nome de temas transversais.

Os autores citam um exemplo válido; para o professor de Geografia que “simpatiza” com uma abordagem física do espaço geográfico será mais fácil estabelecer relações interdisciplinares com as ciências naturais. O aluno desse professor pode, na série seguinte, ter um outro professor de Geografia que aborda o espaço geográfico de maneira mais humanizada. Esse profissional fará abordagens interdisciplinares que aproximarão a Geografia da história. Para esse aluno, assim como para seus professores, a identidade da geografia e suas possibilidades de enfoque interdisciplinar serão, no mínimo, fragmentadas e confusas.

Portanto, garantir a especificidade do ensino de Geografia nas Séries Iniciais se apresenta como um desafio a mais na prática pedagógica.

### **A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: SUA IMPORTÂNCIA PARA A COMPREENSÃO/LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO**

A representação gráfica do espaço é muito mais um instrumento na construção do pensamento geográfico do que um saber acadêmico específico da geografia. Conforme os autores alavancam alguns questionamentos, tais como; qual a diferença entre o desenho ou “mapa da criança” e os mapas adultos, que frequentemente encontramos nos atlas e livros escolares? Como as crianças constroem e compreendem o espaço em seu entorno? E como podem melhor representa-los? Estas perguntas caracterizam o que vem a ser a essência da alfabetização cartográfica isso segundo Almeida.

... o ensino de mapas e de outras formas de representação da informação espacial é importante tarefa da escola. É função da escola preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização.

A leitura de mapas nem sempre é algo acessível às pessoas. Para que ocorra o desenvolvimento do raciocínio cartográfico na criança, é preciso que o educador saiba a importância de se trabalharem certas noções espaciais com a criança.

## **RECURSOS/METODOLOGIAS PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA**

O livro trás uma transcrição do livro Construção do Conhecimento em Sala de Aula, de autoria de Celso Vasconcelos, com o objetivo de provocar reflexões sobre a prática cotidiana docente na elaboração das aulas e no compromisso com a educação. Pois de acordo com esse autor, o encaminhamento metodológico para um conteúdo e/ou unidade de estudo deve contemplar três momentos; “a mobilização para o conhecimento; a construção do conhecimento e a elaboração e expressão da síntese do conhecimento”.

Podemos citar que nessa obra existe um posicionamento político-pedagógico definido. E que não acreditamos na inocência e na neutralidade do saber. É no posicionamento do profissional da educação, implícito e explícito neste texto, que acreditamos. Um professor que contextualiza o que ensina, que não ignora o que seu aluno já sabe e explora esse saber, que se esforça no sentido de fazer o conhecimento seduzir o aluno, torna-se atraente e significativo para ele. É esse professor de Geografia que queremos. Seu aluno saberá ler o espaço geográfico e, se um dia alguém perguntar a ele o que é geografia e o que ela estuda, será capaz de responder com objetividade, clareza e segurança.